Orbis

Boletim do LEPEB-UFF



VOL. 4

JANEIRO-DEZEMBRO/2026

ISSN: 2965-2235

Orbis
Boletim do
LEPEB-UFF
Vol. 4 - Janeiro-Dezembro/2026

A Estética do Incômodo: Censura, Intolerância e Liberdade de Expressão no Brasil

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.23348101

Pablo V. Fontes *
*Mônica Leite Lessa***

Precisamos respirar e compreender as artes: ler as literaturas de Guiné-Bissau, escutar a música do Mali, aprender o idioma do Uzbequistão, visitar os museus do Suriname ou enxergar as múltiplas representações críticas do grafite nas cidades. Nas mais diversas áreas e regiões, existem artes e estéticas que nos ajudam a problematizar o mundo. Contudo, cabe questionar: por que no Brasil contemporâneo, marcado pela perda de direitos duramente conquistados, as estéticas e as artes incomodam tanto? Por que uma peça sobre a história de Jesus Cristo protagonizada por uma mulher transexual desperta tanto ódio? Por que uma performance sobre o corpo humano e a sexualidade no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo gera tanto espanto e indignação?

A arte sempre existiu. No entanto, por razões de espaço e tempo, a cosmologia artística foi frequentemente abordada como politicamente esvaziada (desprovida de agência) ou como uma afronta à moral e à ética. É por meio da arte que conseguimos enxergar as diferenças sociais, utilizando enquadramentos que nos permitem refletir sobre a realidade. A cultura e a estética propiciam um debate profundo sobre as concepções de amigo e inimigo, bem e mal, certo e errado, justo e injusto, moderno e selvagem — noções hierarquizadas e reforçadas ao longo do tempo.

Michael Shapiro (2008) e David Campbell (2003) apontam para a profunda relação entre estética, ética e política. Muitas fotografias, por exemplo, acabam por reforçar práticas de representação padronizadas e hierarquizadas. Segundo os autores, desconstruir essas visões é fundamental para que outros significados sejam erguidos, sobretudo pautados na solidariedade e na horizontalidade.

Entretanto, o Brasil — um país laico e democrático no plano do discurso — oprime e desqualifica cotidianamente o que rompe com a moral vigente. De onde vem esse medo das artes? Ele parece surgir da capacidade que a cultura tem de despertar o poder da dúvida e da curiosidade. Como apontam Adorno e Horkheimer (2005), expoentes da Escola de Frankfurt, a cultura e a arte fazem parte de um processo de fabricação e estímulo ao consumo; contudo, ao perceberem a inércia em que se encontram, os indivíduos podem despertar desse estado amorfo e coisificado, abrindo espaço para a contestação política e social.

Há um movimento arbitrário de censura quando o tema envolve arte e estética. O poder da cultura é tão expressivo que, desde o século XIX e ao longo do século XX (marcado pelo nazifascismo), chefes de Estado utilizaram a propaganda para moldar a opinião pública. Seria essa realidade político-cultural algo reeditado no Brasil atual?

No país do Carnaval, cujo espetáculo é televisionado para o mundo inteiro, não se cobra o mesmo tipo de patrulhamento. Qual é, de fato, o limite da arte? É preciso haver limites, e qual o perigo de impô-los? Uma onda reacionária, xenófoba, racista e sectária volta a pairar sobre o cotidiano brasileiro, alimentada em grande medida por um Congresso patrimonialista, clientelista e fisiológico. Nesse cenário, discurso e prática inflamam a censura, o ódio, a intolerância e o veto ao diálogo.

A controvérsia em torno da exposição *Queermuseu*, em Porto Alegre, evidencia o impacto das artes na sociedade. A democracia custou caro ao Brasil, mas parcela da sociedade parece não se dar conta dos riscos trazidos pela legitimidade dada a atos de intolerância. Exemplo disso foi o abaixo-assinado contra a presença da filósofa Judith Butler em São Paulo, reduzindo sua obra à pecha de "ideologia de gênero".

O extremismo e a aversão à democracia ganham espaço a ponto de projetos legislativos buscarem proibir exposições com nudez ou representação do ato sexual. A que ponto chegamos? Vamos queimar livros ou definir o que pode ser lido? Se esse for o critério, até o Vaticano precisaria fechar as portas, dada a representação do corpo humano nos afrescos da Capela Sistina.

O panorama brasileiro reflete uma tendência global. As composições de imagens que circulam nos meios de comunicação (fotografia, publicidade, fotojornalismo, cinema) por vezes naturalizam formas de violência e criam efeitos de verdade que moldam a *doxa* internacional. As narrativas visuais podem induzir a opinião pública a uma visão estática e unidirecional sobre o mundo. É exatamente nessa unidirecionalidade que mora o perigo para a manutenção do regime democrático.

Olhar para o futuro exige obrigatoriamente compreender que a arte não é um mero adorno social, mas uma condição indispensável para a imaginação política e a saúde democrática. Diante de tempos marcados pela interdição do debate, o horizonte que se desenha dependerá da capacidade da sociedade de defender a pluralidade estética como um direito inalienável. Reivindicar o espaço das artes é, em última análise, recusar a homogeneização das consciências e garantir que o amanhã permaneça aberto à dúvida, à diversidade e ao encontro com a alteridade. Se o medo busca estagnar a história, é pela potência crítica da cultura que poderemos gestar novas formas de solidariedade e liberdade.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

CAMPBELL, David. Salgado and the Sahel: Documentary Photography and the Imaging of Famine. *In*: DEBRIX, François; WEBER, Cynthia (ed.). **Rituals of Mediation**: International Politics and Social Meaning. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

SHAPIRO, Michael J. Slow Looking: The Ethics and Politics of Aesthetics. **Millennium: Journal of International Studies**, v. 37, n. 1, p. 181-197, 2008.

* Doutor em Relações Internacionais (IRI/PUC-Rio) e Professor Adjunto do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DRI-UERJ) E-mail: pablovictorfontes@gmail.com

** Doutora em História do Mundo Contemporâneo (Université de Paris X) e Professora Associada do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DRI-UERJ) E-mail: monicaleitelessa@gmail.com